

Realidades e Ficções  
Qual ficção? Qual realidade?  
Fepal Buenos Aires 2014  
Elias Mallet da Rocha Barros

Pamuk (2007) referindo-se a um texto de outro escritor turco, Iser, mas transformando-o para seu uso diz: “*que o significado de um romance não reside no texto nem no contexto, mas em algum ponto intermediário entre os dois. E afirma que o significado do romance só emerge quando ele é lido, e assim, quando fala do leitor implícito, atribui a ele ou a ela um papel especial.*” (P.27)

A ideia de um leitor implícito é complementar a existência de um *eu-intérprete* proposta por Ogden (1996) contido no conceito de *Eu-dade* (I-ness) como elemento fundador da subjetividade.

Na introdução da temática deste Congresso encontrei duas ideias que me impactaram. A primeira delas diz respeito a uma afirmação de que a ficção não existe para falsear a realidade e sim para mostrar sua complexidade. E a segunda refere-se definição de ficção como “**antropologia especulativa**”. Esta trata do trabalho da imaginação e da fantasia na busca de uma síntese que dê conta da complexidade da vida e para tanto se utiliza de uma forma narrativa que oscila entre o imperativo de um saber objetivo e as turbulências da subjetividade.

De certa forma há um paralelismo entre esta *antropologia especulativa* que abarca o universo ficcional e, no plano subjetivo, o conjunto dos sonhos e fantasias inconscientes que vão se desenrolando no processo de uma análise. Nesses materiais clínicos buscamos encontrar os *núcleos significativos* que em sua permanente transformação vão atribuindo sentidos ao desenrolar da vida. Se aquilo que o paciente nos conta é mais próximo da ficção ou do relato histórico importa pouco. A Psicanálise mais do que qualquer outra disciplina sabe que é através das distorções das percepções, afetos e sentimentos impostas pelas defesas que nos aproximamos da verdade psíquica. Estas distorções se configuram num grande número de histórias, algumas delas, fundadoras da subjetividade. Cada uma destas histórias, por sua vez, é contada para uma multiplicidade de *leitores implícitos* que se materializam de acordo com a posição a partir da qual o eu-intérprete se coloca. É interessante notar que dentre os autores literários esta ideia esta presente, por exemplo, em Mia Couto (201, p.29) quando escreve: “*História de um homem é sempre mal contada. Porque a pessoa é, em todo o tempo, ainda nascente. Ninguém segue uma única vida, todos se multiplicam em diversos e transmutáveis homens.*”

Acredito que poderíamos aplicar ao processo analítico o que Braudel (1969, pág. 55) pensa sobre o desvendamento dos processos sociais, ou seja, que a *História com H maiúsculo é a soma de todas as histórias possíveis.*

A mente humana está em permanente *trabalho de transformação* (Bion, 1962 Salomonsson, 2007). Esta tarefa é levada a cabo em parte pelo que Rolland (1998) chamou de imperativo representacional, ou seja, é fruto de um processo de *trabalho de elaboração psíquica* sempre em curso numa busca permanente de resolver conflitos e lidar com o sofrimento psíquico. Roussillon (2012) acredita na existência de uma compulsão à integração sempre presente na mente, crença esta já expressa por Melanie Klein. Neste contexto o processo de simbolização é aquele que dá uma primeira forma à matéria psíquica. Não me estenderei aqui sobre os diversos aspectos do processo de simbolização que tem sido o objeto de muitas publicações minhas e de Elizabeth Rocha

Barros ao longo dos últimos anos (Rocha Barros, 2000, 2006, 2011) mas o mencionarei ao longo do exame do material clínico.

Escolhi ilustrar este trabalho com o material de um paciente que coincidentemente me procurou dizendo que passou a vida tentando resolver um problema, qual seja o de saber se a ideia que fazia de seu passado e de seu presente era real ou ficcional.

Onde se situaria os múltiplos *leitores implícitos* do *texto ficcional* que constitui a vida emocional de nossos pacientes? Penso que não existe uma leitura objetiva da verdade histórica de uma vida. O objetivo da psicanálise não é o de encontrar um sujeito único que existiria no inconsciente de nossos pacientes e que teria uma existência oculta devido às forças da repressão. Ao contrário, visamos criar um sujeito psicanalítico interpretante capaz de assumir o conceito já mencionado sugerido por Ogden (1996) caracterizado como *I-ness (Eu-dade)* que faz a mediação “*entre a pessoa e sua própria experiência pessoal vivida.*” (p.31) Este sujeito reflexivo está sempre em transição entre momentos de maior ou menor contato com seu inconsciente.

O paciente que eu chamarei de R. é um profissional altamente bem sucedido e reconhecido socialmente que ao longo de sua vida fez diversas análises mas que ao me procurar ressaltou que não vivia feliz, não sentia liberdade de ser ele mesmo e duvidava da genuinidade de seus afetos. Descrevia-se como atormentado por sonhos repetitivos sobre seu passado infantil que segundo ele o *perseguia* (sic) até hoje. R. tem vários irmãos e irmãs mas o único que de fato existe para ele (e era a causa de seus tormentos) é uma irmã mais velha, também bem sucedida mas menos que meu paciente. Esta irmã sofreu em torno de seus dez anos de uma doença potencialmente terminal que exigiu dos pais grandes cuidados e constantes viagens ao exterior porque no Brasil não havia tratamento para seu mal. Por fim foi curada no exterior. R. tinha certeza (uma *certeza incerta ou ficcional* no dizer de meu paciente) de que havia uma cumplicidade impenetrável entre sua irmã e seu pai. Também mencionou em uma de suas primeiras sessões que se preocupava (depois esta preocupação tornou-se quase obsessiva) com homossexualidade. Não se sentia homossexual nem havia tido experiências desta natureza, tinha se casado várias vezes com mulheres belíssimas e poderia ser considerado um *womanizer*, um sedutor irrefreável, mas apesar disso tinha dúvidas sobre sua heterossexualidade. Gostaria de comentar aqui a existência de uma extraordinária coincidência. Além de R. tenho em análise um outro paciente que apresenta uma problemática em certos momentos quase idêntica a deste paciente e também se refere ao efeito de uma intensa rivalidade com o irmão.

Os sonhos repetitivos (chegavam a ocorrer várias vezes durante a semana) tinham uma estrutura semelhante. Versavam sobre situações nas quais o pai e sua irmã tinham uma relação de cumplicidade da qual meu paciente era explicitamente excluído. R. dizia que estes sonhos o perturbavam em seu dia à dia pois despertavam nele um sentimento de não ser dono da própria vida, de senti-la artificial dando-lhe a impressão que só a irmã tinha uma vida real da qual se sentia possuidora.

Penso que é importante sublinhar que R. era incomparavelmente melhor sucedido que a irmã e gozava de um respeito social incomparável e indiscutível em seu meio profissional e sabia disso.

Nesse trabalho selecionei examinar uma sessão na qual foram relatados dois sonhos por despertarem indagações relevantes à temática deste Congresso.

Procurarei focar neste trabalho a questão da relação da memória do passado, seja como lembranças relatadas ou na forma como são revividas em sonhos e sua importância na atual constituição da subjetividade. Diretamente associada a esta indagação temos uma pergunta de técnica psicanalítica com implicações teóricas e

filosóficas. O que devemos privilegiar em nosso trabalho interpretativo? A reconstrução do passado? O passado em suas manifestações presentes? Filosoficamente podemos nos perguntar qual a natureza desse conhecimento transmitido pela interpretação? Trata-se de um conhecimento de fatos e seus entrelaçamentos? Ou de um conhecimento enquanto experiência emocional? Subsidiariamente devemos nos indagar igualmente sobre a importância da interpretação transferencial neste contexto. Devemos nos focar no “lá como aqui agora” ou no “aqui como lá talvez”.

Certa vez R. sonhou que *eu* (analista) *era casado com uma modelo que era ao mesmo tempo Nigela Lawson* (uma chef celebridade inglesa e uma mulher muito atraente) *e uma historiadora brasileira muito famosa por seus livros e riqueza e que ao longo do sonho se transformava numa geneticista* (de fato existente) *de fama mundial*. Num outro trecho do sonho *havia uma ou mais pombas, oferecidas por ele a mim como iguarias ou porque eu fosse criador de pombas*. Na continuidade dizia *que o que o incomodava em minha atitude era eu estar apaziguado diante da vida*.

R. espontaneamente comenta o caráter caricatural do sonho e considera ridículo ele ter sonhado uma coisa dessas mas que apesar disso acredita que há algo neste a ser destrinchado. No sonho, ele diz, eu/analista era um *emulo* dele, *tinha tudo* e era como este R. *que sempre quer ter tudo*. Acrescenta que as imagens do sonho eram compatíveis com a realidade: *eu era um chef da competência da Nigela Lawson, havia vivido na Inglaterra, minha esposa* (que ele conhecia socialmente) *era da mesma estatura da historiadora e da geneticista em foco*. (sic) Ele só não entendia a presença das pombas. Depois de breve silêncio lembra-se de uma expressão em português muito comum em sua juventude “*Ora! Pombas!*” E acrescenta: *Ora pombas, você tem tudo, caralho!* Dito num tom jocoso e simpático. Também acrescenta que detesta pombas vivas, tem nojo delas, mas que as acham deliciosas quando preparadas por um grande chefe.

Acredito que na sessão, assim como na vida, o paciente não é, ele está sendo. Como capturar esta pessoa/paciente sempre *em transformação* na sua relação intersubjetiva com o analista? Esta consideração nos leva a indagar complementarmente sobre o que analista *está sendo* para o paciente naquele momento e a questão central a ser respondida: o que no analista causou aquela fala do paciente? Qual o elemento subjacente que a organiza? Responder a estas questões nos dará pistas sobre a arquitetura emocional do paciente e seu funcionamento mental.

Seu relato e sonho evocam em mim diversas reações. Sinto-me paralisado pelo caráter caricatural do sonho; sou impactado por ele dizer que no sonho sou seu *emulo* ou seja não tenho existência própria; fico intrigado com o possível significado das pombas; noto mas não sei o que fazer com seu comentário “*o que mais me incomodava no sonho era o fato de você estar **apaziguado com a vida.***”

Digo-lhe que paradoxalmente no sonho eu tenho tudo o que se possa desejar como mulher, mas na realidade como analista, fico com muito pouco com o que trabalhar fora de um contexto caricatural.

O paciente comenta que concorda que o caráter caricatural de uma imagem emudece as pessoas e que ele frequentemente usa este tipo de artifício--as imagens caricaturais--- para finalizar um argumento. Diz também que em suas análises anteriores sua preocupação com homossexualidade foi interpretada como fruto do desejo dele ser mulher para encantar o pai tal como a irmã. Nesse caso minha mulher concentrando todas estas qualidades encantadoras seria ele, caso adotasse a visão sugerida em suas análises prévias. A seguir menciona que os outros o vêem como ele tendo tudo, que isto produz inveja e hostilidade por outro lado também gera admiração. Enfatiza que está confuso.

Digo-lhe que se eu interpretasse o sonho como sendo expressão do desejo dele de ser esta mulher fantástica com quem eu estaria casado e que encantaria a todos, isto o apaziguaria porque estaríamos num terreno familiar, mas que isto seria uma caricatura de análise. Diante de seu silêncio digo-lhe que eu me pergunto se as pombas no sonho não seriam a chave para nos desembaraçarmos do caráter caricatural da situação e menciono que pombas são figuras que geram múltiplas associações: “pombas da paz-sugerida pela expressão apaziguado”, enfatizo a expressão “*Ora! Pombas!*” que contém certa hostilidade, refiro-me à “pomba-gira” (uma figura das religiões africanas-que representa o par feminino de Exu associada ao mal, à sexualidade e algumas vezes à homossexualidade).

Penso que este sonho contém múltiplos significados possíveis e que cada um deles levaria a um tipo de vivência emocional. Por exemplo, poderia se referir à projeção da grandiosidade do paciente e desta forma ser uma defesa contra a morte (ter tudo!), uma preocupação que o afligia continuamente; poderia se referir a um aspecto avido dele; à extrema competitividade com todos à sua volta, concentrado em seus sonhos repetitivos na irmã; poderia ter uma conotação associada à homossexualidade: a pomba viva lhe desperta nojo mas como *comida* (também tem uma conotação sexual) é ótima.

É difícil optar por uma interpretação/observação sem referencia a um contexto mais amplo. No conjunto das sessões, mas sobretudo naquelas que precederam a este sonho, a temática central era a rivalidade com a irmã e ao sentimento que ela lhe havia *roubado*(sic) o sentimento de genuinidade e lhe impossibilitado apossar-se de sua vida e de suas realizações. Repete à exaustão o quanto se sente incomodado por nesta altura da vida, sendo ele hoje um homem realizado, ter tantos sonhos repetidos com situações nas quais a irmã tem uma relação especial com o pai da qual ele fica excluído. Comenta que ele parece estar paralisado nestas lembranças. Diante de cada sonho deste tipo R. me conta inúmeros episódios dos quais se lembra onde a irmã era beneficiada pelo pai e ele excluído. Ele mesmo não sabe dizer se todos os fatos relatados aconteceram ou não.

Depois de ouvir meu comentário, fica reflexivo por um momento e diz que a irmã hoje não tem nada na vida, salvo talvez paz de espírito sugerindo que isto se deve ao fato de estar quase senil e me conta outro sonho no qual a irmã obtém/conquista um posto para ao qual ele se candidatara, sendo que ele tem todas as qualificações para o posto e a irmã nenhuma! No sonho ele diz à irmã: você sabe que eu estou interessado neste posto e indignado pergunta como você tem coragem de se candidatar a ele? Acrescenta que a irmã é muito rica, ele não, e que suspeita que parte da riqueza dela tivesse origem em doações de bens e dinheiro feitas pelo pai a ela e escondidas dele. Lista então o absurdo de sonhar isto dado que ele talvez seja a única pessoa que tem efetivamente as qualificações para aspirar ao posto e as lista para mim. Acrescenta ainda que a irmã obtém tudo o que quer sem fazer esforço, “*as pessoas naturalmente se interessam por ela e dão a ela o que ela deseja*”. Acrescenta que ambos são atraentes fisicamente, mas ele é ainda mais bonito e atraente do que ela. E aparentemente do nada começa a me contar, sem qualquer pausa, que coleciona *canções de ninar* de diferentes lugares do mundo, tanto na forma de transcrição de suas letras quanto na forma de gravações, que possui centenas delas, que tem fascinação por ouvi-las embora não conte para ninguém que tenha este tipo de hábito porque ele seria ridicularizado. Comenta que é preciso *ter a maturidade e o sentimento de ser uma pessoa realizada que eu analista-Elias teria, para compreender sem ridicularizá-lo, que canções de ninar são ficções tranquilizadoras*. Para ele *nunca ninguém cantou uma canção de ninar, seus pais eram duros ou não se interessavam por ele, mas que seu pai, quem era uma pessoa distante e fria, cantava estas canções para a irmã*.

Neste momento com um extremo cuidado para que o tom de minha voz e o ritmo de minha fala não parecesse uma aula teórica ou estar fazendo uma conferência, digo-lhe que talvez agora possamos refletir melhor sobre seus dois sonhos. Sugiro que atribuir a mim tudo na forma de ser casado com uma mulher perfeita no sonho, que poderia conter tudo que alguém pudesse desejar, assim como talvez atribuir à sua irmã a capacidade de obter tudo que queria do pai e dos outros fossem ficções tranquilizadoras, uma espécie de canção de ninar, declamadas para si mesmo repetidamente de forma a tranquiliza-lo frente a um terror muito maior, qual seja seu medo de não ser atraente o suficiente para despertar espontaneamente amor nos outros e que talvez este sentimento estivesse presente no passado diante dos pais. O cuidado com a maneira como falo com o paciente denota o que pretendo com a minha intervenção. Não estou buscando informá-lo de um fato e sim tentando gerar uma experiência emocional através do estabelecimento de uma conexão entre diversos fatos e vivências, que ele não poderia fazer sozinho devido a resistências dinâmicas inerentes ao seu funcionamento mental, de maneira a tornar o que ele *está sendo* uma realidade vivida no aqui e agora da sessão.

Ele fica silencioso por uns minutos e diz: *you are suggesting that perhaps you have never had this preference discarded by my sister, that this be a fiction, a creation of mine so that I do not think of it too much more distressing?*

Digo: talvez, o que você acha?

Responde: *non so, but I am emotionally and fascinated, fascinated with your capacity to put things together that I tell you. And as we are almost at the end of the session, I add "take care because you will need a lot more of you" and for talking about this already took you the vaccine against flu? I will give you a tip, do not take it in the arm and yes in the buttocks because this form does not cause a reaction.*

Sinto (contratransferência? *Revêrie*?) que ele está me mandando *tomar na bunda*.....ao mesmo tempo que me elogia excitadamente. Isto me faz imaginar que talvez este pensamento que se impõe em minha *revêrie* possa fornecer uma pista para começar a compreender sua preocupação com a homossexualidade. Ele me olha e olha os outros com tanta admiração e excitação misturado com tamanha rivalidade e hostilidade assim como com uma vontade de se apropriar das qualidades dos outros homens que só a metáfora/ficcional da homossexualidade, na sua versão ativa e/ou passiva, oferecia um modelo explicativo para a relação que estabelecia com os homens. Entretanto não lhe digo mais nada. Neste ponto vale notar que a compreensão do funcionamento mental do paciente se dá em diferentes níveis. Num primeiro momento este se refere apenas a como o paciente está funcionando nesta particular sessão. É o que foi abarcado pela minha segunda interpretação. Noutro patamar é o a compreensão de como o paciente funciona na vida a partir de uma perspectiva mais ampla. A hipótese que surgiu em minha mente sobre sua homossexualidade é deste segundo tipo.

Gostaria de seguir de fazer algumas reflexões sobre a relação entre experiências passadas e presentes (ficcional ou não), potencialmente fundadoras do ego, e sua relação com a realidade histórica, na constituição do psiquismo.

Penso que a natureza viva da experiência emocional produzida pela interpretação/observação do analista é mais importante do que a reconstrução histórica. Se adotarmos esta perspectiva não importa tanto se a experiência apresentada como lembrança ou representação do passado é fiel ou não à realidade histórica, isto é se é ficcional ou real. *"O que importa (Rocha Barros, Elias e Rocha Barros, Elizabeth, 2011) é se nossa interpretação/observação íntegra o passado ainda vivo no presente em sua manifestação na relação transferencial com o passado histórico inferido."*

Sendo assim importa pouco, no caso deste paciente (R.) se de fato havia uma relação preferencial entre o pai dele e sua irmã da qual ele se sentia excluído. O mais

importante é saber se esta *ficção* ganha foro de realidade como experiência **viva no presente**.

Atualmente adotamos uma abordagem mais complexa da temporalidade do que a inicialmente adotada pela psicanálise. Por exemplo, não consideramos apenas o aspecto cronológico da temporalidade. Na abordagem da temporalidade cada vez mais incluímos um aspecto genealógico. Esta mudança de foco tem implicações metapsicológicas. O termo genealógico refere-se às experiências passadas que se transformaram em estruturas mentais e que produzem efeitos em nas nossas mentes. (Barros, E. Rocha & Barros E. Rocha, 2011). Como objetivo terapêutico estamos mais inclinados atualmente a abandonar a ênfase na eliminação de sintomas em favor da criação das condições que propiciem um máximo desenvolvimento do indivíduo através da ampliação dos elementos simbólicos disponíveis para a função de pensar. . Penso que Thomas Ogden expressa bem esta modificação de objetivos ao propor que a Psicanálise visa “ *Incrementar .. a capacidade de estar vivo tanto quanto possível de modo a que a pessoa possa usufruir do espectro total da experiência humana.*” (Ogden 2005, p. 8) Para que isto ocorra necessitamos ampliar nossa capacidade de pensar nossa vida emocional e para isto ocorrer necessitamos dispor de formas simbólicas capazes de estabelecer cada vez um maior número de ligações entre nossas emoções que reflitam a reação dialética que mantemos com a vida e que nos transforma.

Estou sugerindo que os significados se ampliam à medida que vão se relacionando entre si devido ao rompimento de barreiras dinâmicas, que impedem o contato com outras vivências emocionais e promovem uma integração. Os significados ocultos, ausentes e potenciais (Barros, 2006) apreendidos através de certas imagens (formas simbólicas) associadas a um sonho, por exemplo, ao serem desvelados, liberam emoções que abrem novas redes conectivas de emoções e, assim ampliam sua dimensão significativa, abrindo portas para outros significados potenciais (Barros, 2003 e 2006 ).

Ao relacionarmos experiências emocionais, representações simbólicas e as diversas evocações produzidas na mente do analista estamos promovendo esta ampliação da rede de significados que vão propiciando a abertura de novos campos de emoção. Nesta linha a análise é transformacional na medida em que se foca mais no processo através do qual o paciente vai adquirindo conhecimento sobre si mesmo (inclusive dando-se conta de sua resistência em fazê-lo) do que ao se concentrar estritamente no *insight* se este for visto mais estreitamente como fonte de informação sobre como ele é. Dito de outro modo, o conhecimento através de uma vivência emocional de como o paciente *está sendo* é muito mais importante para gerar transformações do que ser informado *de como ele é*.

No caso de R. associei as imagens oníricas das pombas com o sentimentos de apaziguamento com sua crença de que sua irmã obtinha tudo que ela quisesse e estas duas ideias com o significado que poderia ter sua lembrança naquele momento de que colecionava canções de ninar. Essas associações me permitiram sugerir que ele tinha um medo muito mais aterrorizante, o de não despertar amor nos outros (incluindo nos pais no passado) que se mantinha encoberto pela evocação constante de seu ressentimento de ter sido excluído pelo pai e irmã de uma relação mais íntima com eles.

Acontecimentos do passado não explicam, por si só, o presente atual. Ao identificarmos a origem de uma determinada maneira de ser em nossos paciente ainda ficamos com uma questão, talvez a mais essencial, para ser respondida psicanaliticamente, qual seja: o que mantém esta maneira passada de ser no presente? No caso de R. seria seu medo de não ter qualidades para despertar um amor espontâneo nos outros que tinha como corolário que o amor ou admiração que ele obtinha eram

resultados de sedução/manipulação. Por sua vez esta crença o destituía da possibilidade de apropriar-se da própria vida e dessa forma viver suas conquistas como merecidas.

Cabe notar que as interpretações dadas foram baseadas nos sentimentos e pensamentos que os relatos do paciente despertaram em minha mente, o que estou chamando de *revêrie*. Sem o recurso a esta (*reverie*) não seria possível estabelecer os elos de maneira viva entre seu ressentimento, o que este encobertava e o que de fato o aterrorizava é era concomitantemente o gatilho para a repetitividade de seus sonhos. Sua estrutura psíquica para se proteger de uma dor maior *necessitava* manter vivo o ressentimento através da repetitividade. Esses elos não são detectáveis na consciência e assim não são vividos *como experiência viva*. Antes que possa haver uma interpretação é necessário que o analista passe por um *trabalho psíquico* complexo, em parte consciente, noutra parte não. Não basta que este se conscientize de *quais sentimentos* são projetados em sua mente pelo paciente mas é também necessário que ele detecte de que maneira a vivência desses sentimentos o afetou. Essa segunda etapa é essencial para que possamos nos utilizar eficazmente da contratransferência e até mesmo para caracterizá-la conceitualmente como tal. Esta discriminação fruto de uma auto-análise, permite ao analista, apreender o aspecto do paciente que é negado à sua consciência. É o restabelecimento dessas conexões (*bonding*), através da interpretação do analista que propiciam a possibilidade de elaboração da atitude defensiva do paciente ao negar a dor psíquica e, como consequência, aparelhá-lo (através da produção simbólica) para enfrentá-la. A interpretação que resultará desse processo não transmitirá apenas conhecimento sobre si mesmo ao paciente, mas uma possibilidade de ser (seria mais apropriado dizê-lo através de um neologismo borgeano: “*tornando-se*”) diferente, pois graças à apropriação dos aspectos expressivos da vivência emocional presente na interpretação, o analista está propiciando ao paciente **essa transição entre saber e tornar-se**. Ahumada (2011, p13) sugere que esta é a base do que chama de *insight ostensivo*.

É a partir da contratransferência e/ou da *revêrie* que captamos representações que nos permitirão apreender a natureza da relação transferencial na sessão da forma como esta é significada no mundo interno do paciente.

#### Referencias

Ahumada, J. (2011). *Insight*. London and New York: Routledge.

Barros, E.R. (2000). Affect and Pictographic Image: The Constitution of Meaning in Mental Life. *International Journal of Psychoanalysis* 81:1087-1099.

Barros, E.R. (2006). Afeto e Imagem Pictográfica: o processo de construção de significado na vida mental: in Avzadel, J.R (Editor) *Linguagem e Constituição do Pensamento*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Barros, Elias e Barros, Elizabeth, (2011). The Conundrum of time in Psychoanalysis: in *On Freud's "Construction in Analysis"*. Lodon: Karnak.

Bion, W. (1962a). A Theory of Thinking. *Int. J. Psych.*, 43.

Bion, W. (1962b). *Learning from Experience*. London: William Heineman Medical Books.

- Braudel, F. (1969). *Écrits sus L' Histoire*. Paris: Flammarion.
- Couto, M. (2013). *Cada Homem é uma Raça*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Ogden, T. (1996). *Os Sujeitos da Psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Pamuk, O. (2007). *Outras Cores*. São Paulo :Companhia das Letras.
- Rolland, J.C. (1998). *Guérir du mal d'aimer*. Paris : Gallimard
- Roussillon, R. ( 2012 ??) . Le travail de Symbolisation, chapter 9. In :
- Salomonsson, B. (2007). 'Talk to me Baby, tell me what' s the matter now'. Semiotic and developmental perspectives on communication in psychoanalytic infant treatment. *Int. J Psychoanal* **88**: 127-146.
- Salomonsson, B. (2007).Semiotic transformations in psychoanalysis with infant and adults. *Int. J Psychoanal* **88**: 1201-1221.
- Ogden, T. (1992). *The Matrix of the Mind.*, London: Karnak.
- Elias Mallet da Rocha Barros  
 Rua Tupi 579 apto 162  
 São Paulo, SP 01233001-Brasil  
 E-mail [erbarro@terra.com.br](mailto:erbarro@terra.com.br)
- Palavras chave: ficção, leitor implícito, reverie, simbolização, transferência, verdade histórica, verdade psíquica.

### Sumário

*O autor tem por objetivo discutir a relação entre verdade histórica e verdade psíquica fazendo um paralelismo com a visão da função e natureza da ficção, segundo Pamuk. Para ilustrar é descrito um caso clínico no qual o paciente busca análise coincidentemente dizendo que gostaria de ser ajudado a distinguir o que era realidade daquilo que fosse ficcional em suas memórias de uma infância conturbada por uma intensa rivalidade fraterna. Através do material clínico o autor mostra a complexidade envolvida na relação com possíveis experiências formadoras no passado e sua manifestação presente.*



